

Invicta *cinne*

ANO X

Nº. 184



ANNA STEN

SEMANARIO ILUSTRADO
DE CINEMATOGRAFIA

PREÇO

50
c^{os}

AGUIA D'OURO

APRESENTA

na próxima 2.^a-feira

a famosa "Vénus de Hollywood",

JOAN CRAWFORD,

no super-fonofilme

da M. G. M.

VIRTUDES MODERNAS

Uma linda comédia
cheia de movimento
e de interesse, que
mostra à juventude
os perigos da educa-
ção moderna.

VELHO TEMA

Ontem e hoje—A música nos «estudios» e a sua influência nos artistas.

Lupino Lane está realizando em Elstree, por conta da B. I. P., um novo filme intitulado *Letting in the Sunskine*, cujas principais passagens são realizadas dentro de um cinema moderno, onde decorre parte da acção.

For the Love of Mike é o título do filme que Monty Banks está dirigindo actualmente na Inglaterra. O popular cómico, que há alguns anos não aparece na tela, interpreta nesse filme um pequeno papel, que teve de desempenhar, em virtude de á última hora ter adoecido o artista que dêle estava encarregado.

Charles Haumer, é o realizador de um filme intitulado *Black Diamonds* cuja acção decorre entre mineiros e do qual muitas cenas foram filmadas dentro de diversas minas de carvão inglesas.

Claude Hulbert protagonizará o próximo filme de Harry Hughes, cuja realisação começará incessantemente nos estúdios da British International Pictures em Elstree.

Ao que consta, Marcel L'Herbier dirigirá próximamente uma nova versão de *A Castelã do Libano*, filme que vimos há anos no *Rivoli* com Arlette Marchal e que Marco de Gastyne dirigiu então.

Nos studios da Ufa, acaba de dar-se início á realisação do último filme europeu de Lillian Harvey, *L'Impératrice et moi*, título que substitui o de *Testamento do Marquês de S.* Tem outros intérpretes: Charles Boyer, que vimos em *Traição* e Pierre Brasseur, feliz preferido da Liliansinha em *Sonho Dourado*.

Recorte de uma carta de Artur Coelho, (nosso correspondente na América), para o nosso director:

«Ontem vi a super» de Cecil B. de Mille *O Sinat da Cruz*. Que espectáculo! Há trechos duma doçura verdadeiramente cristã e outros que de tão bárbaros nos arrepiam os cabelos. Não sei se Você já notou que a música e a voz no cinema modulam admiravelmente a actuação dos personagens.

São mais naturais. No tempo do filme mudo, eles gesticulavam como verdadeiros loucos. Já viu «O Homem Miraculoso? E' bom.»

Com o fim de crear uma «técnica internacional de cinema falado», Carl Laemmle Jr. decidiu cortar 25 o/o dos diálogos em todas as produções em realisação na Universal. Folgamos com isso.

Clarence Brown está dirigindo *Losi* com Joan Crawford e Jackie Cooper. A propósito, uma frase do pequeno Jackie: «O vento é o ar animado».

Em Londres constituiu-se uma sociedade com um capital de respeito, para edificar cinquenta novos cinemas. E fala-se de crise!...

Harold Lloyd e o grande realizador G. W. Pabst encontraram-se em Nice.

George Milton (Bouboile) vai trabalhar mais uma vez sob a direcção de Leon Mathot, que o dirigiu já em «O Rei da Pândega».

Pabst terminou *Don Quichote* e Chaliapine o principal intérprete partiu para a América.

O filme «Estupefacientes» filmado parte em Portugal, já foi apresentado em Berlim no «Ufa Palace».

Já no tempo do cinema silencioso a música era utilizada como uma inexgotável fonte de inspiração para estimular os artistas nas suas interpretações.

Pela mercê de tal inspiração nos foram revelados filmes sensacionais que recordamos com saudade em que o desempenho era impecável.

Foi devido á música que muitos artistas nos deram expressões mimicas duma veracidade impressionante.

Todos se recordam certamente do filme «A Viuva Alegre» cujos principais papeis couberam a John Gilbert e a Mae Murray!... Todas as passagens da famosa opereta de Franz Lhear—a já tão velha e sempre nova opereta—que a musica realça e alinda, foram filmadas ao som duma orquestra magnifica que ia interpretando a partitura.

O realismo da interpretação, como não podia deixar de ser, tornou-se assim, extraordinário.

Recordo-me ainda, muito bem, da cadência dos passos dos dois principais personagens ao bailarem a valsa, universalmente conhecida, cadência essa brilhando em ritmo que não podia ser obtida sem o recurso da música.

Esta tem a possibilidade inegável de satisfazer qualquer aspiração ou anelo do coração humano...

A alegria, a tristeza, o amor, os ciúmes, a vingança, o orgulho—em suma, todas as paixões e sentimentos humanos, tem expressão fiel na música e um artista de cinema encontrava nela, nos momentos de maior arrebatamento, um caudal inexgotável de inspiração que o ajudava eficazmente a reflectir com veracidade estes vários aspectos da vida real.

Por isso, os artistas, reconhecendo-lhe as insuspeitáveis vantagens, utilisavam-na com prodigalidade, para darem maior realismo ás supremas manifestações do sentimento humano.

Com o sonoro tornam-se maiores as vantagens duma melhor interpretação.

A música acompanha-o, não como um fortuito estímulo ou recurso, que um ou outro—embora muitos—aproveitavam mas sim como conjunto do próprio filme e sempre sugestionável e de grande influência.

A arte musical é duma grandeza extraordinária e o cinema com ela só pode valorisar-se... ainda mais do que o que temos constatado e apreciado.

Não é só surpreendente nas manifestações dos sentimentos ocultos... Em alta transcendência é inegalável e só ela nos pode manifestar particularidades a que a fotografia não bastará.

Vejámo-la na época do seu romantismo, escutêmo-la a través das composições de Schubert, sobretudo na sua «Primavera» com uma impressionante modalidade de scriptiva formando das belezas da natureza um estandale de melodias subtis, fugidias... e duma serenidade consoladôra.

Entremos na transcendência e ouvimos Grieg a descrever-nos o desabrochar das flôres, o rebentar dos botões... apreciamos Sinding, numa ideia bela, a descrever-nos a barulho das fôlhas nas árvores, a chocarem-se, impelidas pelos beijos mornos da brisa que passa... e extasiamos-nos com Delius a relatar-nos a sensação que lhe causam os ruidos, as côres e os perfumes...

E o nosso pensamento fica extático, visionando até que ponto chega a discrição pela música—discrição que se sente tão profundamente.

TOMAZ D'ALENCAR.

Miscelanea

Raparigas portuguesas: Alegrem-se! Vai, enfim, haver cinema a sério, no nosso país! Do bom, como nós jamais logramos fazer!

E a «imagem», camarada excelente, vai estabelecer um curso de aprendizagem, tão necessário quanto útil, para a preparação dos numerosos intérpretes de que vai haver necessidade imediata.

Vocês, que sempre sonharam em vir a ser êmulas de Greta Garbo, de Lilian Harvey, de tôdas as estrêlas de fama, que imitam as suas atitudes, os seus chapéusinhos giros, os seus vestidos—fica-vos maravilhosamente êsse lindo casaco, como que a Kate de Nagy usava no final de «Um homem feliz»—aí tem uma oportunidade excelente! Aproveitem-na!

O cinema português necessita da vossa colaboração e do vosso auxilio, indispensável e valioso. A chamada vai ser efectuada. Não vaciem!

Deixem de lado quaisquer preconceitos exagerados—portanto descabidos—que ainda possam—e respondam a essa chamada, que vos oferece uma oportunidade única!

Contamos convôscos!

* * *

Leitão de Barros - eis um nôme em que não é possível deixar de falar-se, sempre que se pretenda abordar a cinematografia portuguesa:

A sua actividade e a sua iniciativa estão tão ligadas ao cinema do nosso país, que o seu nôme—um nôme que poderia escrever-se a letras de ouro—tem de aparecer sempre, na mais insignificante resenha.

E' uma coisa natural!

A França orgulha-se de René Clair, a Alemanha de Fritz Lang, a America do Norte, de Griffith.

Portugal pôde e deve sentir-se orgulhoso de contar com Leitão de Barros, um excelente director em qualquer parte!

Porque, afinal, o que seria do nosso cinema, se Leitão de Barros não tivesse vindo trazer-lhe o seu entusiasmo e o seu espirito empreendedor?!

* * *

Beatriz Costa confessa que não sabe jogar o «Yó-Yó». Não se admirem! A vida da simpática estrêla do nosso teatro é tão atarefada, que não lhe sobrou ainda o tempo indispensável para se exercitar.

O «Yó-Yó» é um jôgo para os desocupados e a Beatriz anda atarefadíssima.

Ser vedeta também tem as suas canseiras!

* * *

Um leitor amigo, cheio de curiosidade, pergunta-nos por que motivo não se exibiram ainda em Portugal filmes como «L'opéra de Quant'sous e Jean de la Lune!

Quem poderá responder?!—N. C.

Greta Garbo, em Paris

A estranha vedeta suêca que, como os nossos leitores sabem, se encontra há algum tempo na Europa, parece têr estado uns dias em Paris. Chegou à capital francesa, pelo que se diz, hospedou-se num hotel de segunda classe, acompanhada duma condessa e guatou sempre rigoroso incôgnito, a sua velha mania. No livro do registo do hotel foi inscrita como Miss Margaret Gustafson, seu nome de baptismo.

Fô a alguns cinemas e num café de Martparnisse chegou mesmo a ser reconhecida, tendo de fugir. Foi à modista também, como é da praxe.

E entretanto, os jornalistas souberam da sua estadia, pondo-se em campo numa batida desesperada com reporters fotograficos e até com câmiões de som. Chegaram a apanhá-la, mas nunca lhe arrancaram qualquer palavra ou attitude capaz de a mostrar tal qual é. Sempre com um comprido casaco, chapéu desabado e ôculos negros, Greta Garbo de-

DA VIDA CINE- GRAFICA

pois de se mudar de hotel, ao saber que já a procuravam, rasrou-se um dia. E os jornalistas ficaram assim mesmo.

Parece que a «Ufa» tem a intenção de utilizar a famosa Greta Garbo para a fazer interpretar em papeis da sua especialidade.

Greta Garbo é a intérprete de «Mata-Hari» para a M. G. M. que verêmos esta temporada.

Como tornar-se estrela

As raparigas que, como vocês, simpáticas e gentis leitoras, ambicionam chegar a ser estrêlas de cinema interessatá, sem dúvida, saber como se poderia conseguir tal. Nada mais fácil! Dizer-se que é muito difícil entrar para o cinema, é pura fantasia: o que é necessário é audácia, magnétismo, habilidade histrionica.



GRETA GARBO
a famosa artista suêca que vamos vêr dentro em breve em «Mata Hari»

Vejam o exemplo de Helen Chandler, uma nova estrelinha que apareceu agora a brilhar no céu hollywoodense. Helen apresentou-se um dia nos studios «Fox», de New York, dizendo que tinha uma entrevista marcada com William Fox. A principio, não a acreditaram, pois que o chefe supremo se encontrava em Hollywood havia quatro semanas. Porém, devido á insistencia da jovem, um dos empregados mandou ligar o telefone para o gabinete do presidente e soube, com o espanto da própria candidata, que êle havia regressado na noite anterior, inesperadamente.

O empregado, convencido que uma pessoa que estava ao facto de assunto tão confidencial, deveria ser muito importante, deixou-a passar.

Num corredor, Helen encontrou Alan Dwan, director que conhecera em certa ocasião, que a reconheceu e a quem pediu um papel no seu próximo filme. O encenador aceitou o pedido, contratando-a e Helen dispensou de se avistar com Fox, como resolvera, visto ter alcançado, com maior facilidade do que imaginára, o que ambicionava.

Facil? O que é necessário é chegar no momento psicológico... e ter uma sorte do demónio!

Coisas da sorte

Edgar Lewis, actor, director e produtor de filmes, que há alguns anos recusou uma oferta de três mil e quinhentos dolares por semana para dirigir um filme e que produziu mais de sessenta fitas próprias, tendo dirigido muitas mais—aparece como extra no recente filme de Jack Holt, «Detective», a dez dolares por semana!

Lewis diz que ainda possui parte da enorme fortuna que adquiriu com a realização de filmes e que lhe permite viver sem maiores cuidados, porém, prefere actuar como extra de vez em quando, a separar-se, por completo, da arte que tanto amou.

Final para quê?!

Cada departamento de arquivos, das companhias cinematográficas americanas, dispõe de dezenas de milhares de livros para referências. Esses livros, escritos em várias linguas, reortam-se a tudo: costumes e hábitos, formas de governo, constituições politicas, aspectos topográficos, etc., de quasi todos os países do mundo. Nesses arquivos existem colecções de fotografias estrangeiras que sobem a alguns milhões de exemplares, focando tipos populares, cidades, paisagens, edificios públicos dos países a que os livros se referem, que são utilizados para em Hollywood dar aos filmes uma atmosfera mais real, quando a acção se desenrola em países estrangeiros.

De uma ilha

Charles Bickford é dono absoluto de uma pequena ilha situada no Oceano Indico, para onde poderia retirar-se a viver como verdadeiro rei. A maioria dos artistas de Hollywood queixa-se da vida sobrecarregada que levam e muitos astros ameaçam abandonar um dia tudo isso, pela tranquillidade absoluta.

Bickford tem já onde isolar-se, por completo, do mundo, no dia em que se aborrecça; só um ou outro barco faz escala por essa ilha... e mesmo assim nem em todos os anos!

Talvez, entretanto, Charles Bickford viesse a trocar um aborrecimento por outro não menor, como o de viver em tal paragem; a não ser que os nativos, e muito especialmente as nativas, sejam interessantes!

Não lhes parece?!

Qual ganha mais?

A ironia da vida dos extras, demonstrando curiosamente em certas cenas de «Sob o céu de Xangai»; pelas ruas do Xangai filme composto em Hollywood, passam pequenas cadeiras puxadas por amarelos com passageiros brancos dentro. Alguem perguntou quem ganhava mais; se os humildes condutores, ou as damas e cavalheiros que conduziam.

O extra é sempre um extra, seja rei ou lacaio e neste caso, como em todos os outros, servos ou senhores, todos ganham o mesmo.

Charlot não falará

Charlie Chaplin continua estimando, mais que do nunca, o filme mudo, e como prova, está a sua intenção de sonorizar o seu grande successo «A Quimera do Ouro»; o filme não terá diálogos: o som consistirá unicamente numa musica inspirada na acção do filme, como nos desenhos animados.

O fim de Chaplin é de obter não sómente uma distribuição internacional, mas igualmente de provar que o cinema silencioso permanecerá, durante todos os tempos, como coisa inesquecível. Chaplin, jamais realizará um filme falado.

Muitas das velhas comédias de eerta metragem, foram apresentadas em Hollywood na semana última e fôram acolhidas com o mesmo successo e aegria que há sete ou oito anos.

Eis o que nos conta G. Calliga, correspondente na Cinelandia, do presado camarada parisiense «Pour Vous».

CONVERSANDO COM BLANCHE MONTEL NOS ESTUDIOS "E'CLAIR,"

(De um dos nossos correspondentes em Paris)

Vamos até ao estúdio Eclair?—dizia-me um destes dias Jimmy Leorsen, cavaleiro notável, nadador emérito e jovem artista de cinema com algum merecimento.

Não levei muito tempo a decidir-me e logo saltamos para um pequeno 5. C. V. «Rosengart» que nuns minutos nos transportou a E'pinay, uma verdadeira cidade do cinema, embora pequena. E' lá que as sociedades Tobis e E'clair estabeleceram os seus estúdios.

Depois de atravessar a parte de entrada, passando em seguida ao parque onde deixamos o carro, encontramos com Monsieur Baye o «régisseur» que Larsen me apresenta. Este pede-nos para entrarmos até ao seu escritório, onde amavelmente nos fala dos trabalhos presentes e futuros da sua firma produtora.

—Não ignorais, certamente—diz-me elle—que filmamos actualmente «Os Três Mosqueteiros», nova versão falada, para os irmãos Diamant-Berger e adaptado da célebre obra de A. Dumas. Este filme em vias de conclusão será apresentado em 15 de Dezembro.

—E depois, que pensam filmar? Posso já dizer alguma coisa aos meus leitores?

—Certamente! Pensamos começar brevemente a realização de «Roger la Hôte», mise en scène, de Rondés e a seguir contrataremos Berley para interpretar «Le Martyr de l'Obèse».

—Muito bem. Mas, voltemos ao presente. —Poderei visitar os estúdios e assistir a algumas filmagens?

—Essa concessão feita ontem á esposa do ministro do commercio e ao Pasteur Soulier, deputado de Paris, não vos será recusada. Bastará apenas utilizar os seus cartões de imprensa.

Pouco depois vejo-me junto do chefe do estúdio a quem peço alguns informes e que me pede para esperar uns momentos até que o sinal vermelho recomendando silencio se apague.

Neste grande atelier onde os «décors» nos encobrem a numerosa assistência, de artistas, assistentes, engenheiros, trabalhadores e alguns curiosos, como eu, assiste á filmagem das últimas cenas dos «Três Mosqueteiros».

O «décor» representa uma vasta antecâmara dum castelo; paredes muito altas á esquerda e á direita, acham-se cobertas de lindas tapestarias; ao fundo, uma escada monumental. Dois móveis apenas, um riquíssimo baú antigo e no último plano junto do operador uma notável cadeira na qual toma logar Madame Blanche Montel. Está deliciosa no seu vestido de mosqueteiro, repousando entre a filmagem de duas cenas.

De repente, alguém brada: Silencio! Ouve-se dois toques dum klaxon. E o engenheiro de som, conta: 1... 2... 3., apresentando ao operador o quadro indicando o número de ordem da cena. Começa a filmagem. Aimée Simon Girard (D'Artagnan) faz á sua «partenaire» uma reverenciosa saudação á lá mosqueteiro. Um apito silva e ouve-se: «coupé!»

Nova disposição de projectores. Procede-se a uma segunda filmagem. Blanche Montel no seu assento é calçada gentilmente por Simon Gérard. A cena foi repetida tres vezes. Da-se um intervalo. Finalmente, ia-me ser possível falar com a encantadora artista, que acabara de mudar de indumentária. Ela recebe-me, agradavelmente com um sorriso nos lábios. É alguém que passe diz-lhe:—Conceder uma entrevista, tão fatigada como está?!

—E porque não? —responde ella, pondo-se á minha disposição.

—Desculpe Madame, interromper-lhe o seu momento de repouso, — balbuciei — mas não serei longo. Garanto-vos. Eu sei como os jornalistas vos parecem maçoadores.

—Mas não, caro sennor, pelo contrário... Estou contente de trabalhar neste filme. Encontro-me entre pessoas alegres e divertidas, o que fazia com que eu lamentasse a conclusão deste trabalho, se não tivesse em perspectiva duas belas viagens e se eu não me achasse tão fatigada, como ando...»

—Viagem de recreio? ou viagens de negocio artistico?

—Ambas as coisas. Parto na próxima semana para Algéria a dar algumas representações teatrais de peças por mim creadas. E de regresso penso passar por Itália, para gozar um pouco.

—A «madame» é uma apaixonada da nação?—intervem nesta altura Jimmy Loisen que desejava há muito enveredar a conversa para um assunto que lhe interessava.

Aproveito este parêntesis aberto pelo meu amigo, para examinar melhor esta artista: os seus olhos não largam facilmente esse rosto lindo de traços tão puros.

Os olhos são o melhor feitiço da mulher, dizem e de facto em Blanche Montel assim é; mas tudo nela atrai, revelando-nos essa alma d'artista simples e alegre que parece possuir um coração terno e generoso. Enquanto ella falava, tive ocasião de admirar bem os seus olhos grandes, tão seductores, que dão a impressão, a todos os que procuram lêr nêles, de algo incompreensível e difficil de defenir; uns olhos pretos que manifestam ao mesmo tempo vigor e energia, malícia e indolencia; têm um ar esquisito de langor, de vago e ao mesmo tempo de vivacidade.

Francamente: grandes, belos, perturbantes esses olhos...

E não menos perturbante é a figura gentil e graciosa de Blanche Montel.

Henry Diamant—Berger, começa a impacientar-se e chama: —Blanche!

Ella parte com grande pesar meu. Peço-lhe algumas fotografias dedicadas para a «Invicta-Cine», mas é tarde, nem no momento é possível.

—«Eu enviarei-vos-ei, depois...» — responde-me ella—não tenho aqui nenhuma.

Estende-me a sua pequenina mão que eu beijo delicadamente.

—«Au revoir»—grita ainda, afastando-se alegre e apressadamente para a filmagem. «Au revoir», respondi eu.

E' deliciosa esta mulher!

GEO POIRIER

Paris, 12 Novembro 1932.



BLANCHE MONTEL

UM INQUERITO INTERESSANTE

Do quinzenário «Desportine» que se publica em Luanda sob a direcção do Sr. Martins de Oliveira, transcrevemos:

«No Teatro Scala de Lourenço Marques, realizou-se um concurso, com o filme «A minha noite de nupcias», entre a versão americana e portuguesa, ou seja, Clara Bow em disputa com a nossa insinuante Beatriz Costa.

O resultado foi o seguinte:

Qual é a melhor realização?—Americana. 31 votos, portugueza 314.

Qual é a melhor interpretação? Clara Bow, 71 votos, e Beatriz Costa, 335, (61 listas traziam os dois nomes); Ralph Forbes, 117 votos, e Alberto Reis, 201, (27 listas traziam os dois nomes cortados) Charles Ruggles, 71 votos, e Leopoldo Frois, 243; Skeet Gallagher, 3 votos, e Estevam Amaranth, 345, (3 listas traziam os dois nomes).

Entraram 345 listas.

Por tão ruidoso successo, apresentamos aos nossos compatriotas as mais vivas felicitações.

O resultado é bastante curioso para que resistamos á curiosidade de o não reproduzir. Não se deve estranhar o facto de sêr apresentada a versão americana em Lourenço Marques, pois que nesta cidade se fala rasoavelmente o inglês.

FILMES VISTOS PELOS NOSSOS CORRESPONDEN- TES NO ESTRANGEIRO

«Danton»

Se na história da Revolução Francêsa há um patriota orador incomparável, um orientador enérgico, violento, mas leal e não terrorista—não será este, Danton?

Transplantar para o ecrã a vida activa e movimentada desse grande homem, não era certamente das coisas mais fáceis.

Todavia, o realizador André Rouband e o historiador Pierre Guerlais meteram-se à obra, dando-nos com acerto, o Danton enérgico, homem de estado e ao mesmo tempo o Danton sentimental, e amoroso delicado.

Eu que assisti em Epinay-sur-Seine, nos estúdios do Tobis, à filmagem de algumas cenas deste filme, tive um grande prazer em vê-lo na tela com esses frágeis «décors» reproduzindo com exactidão algumas ruas de Paris hoje desaparecidas para a maior parte dos homens de hoje e nas quais eu passei na amável companhia do senhor Richard, digno director daqueles estúdios, que me explicou gentilmente, então, as dificuldades para a realização duma tal obra, iludindo-me ainda sobre alguns «trucs» cujo segredo fui um dos primeiros a conhecer.

Danton não é, bem entendido, um filme para as massas, mas sim para intelectuais. É um filme histórico sem qualquer nota ridícula, um filme brutal, onde tudo é força e movimento. De outra maneira como seria possível descrever a vida do grande tribuno, os seus dois idílios, os discursos, as desordens populares, os combates, e o crime?!

Muitas passagens são magníficas: na cena do tribunal, principalmente, Greta Garbo excede a espectacular; a evocação de Danton, casado, na sua casa de campo, é das mais belas.

Jacques Greta, como acabo de dizer, é notável no seu papel; possui a franqueza, a expressão fisionómica, o verbo e o ardor extraordinário de Danton. É preciso vê-lo no seu aspecto feroz e ouvi-lo na cena que precede a sua prisão:—«O quê? Calça-se assim

a patria aos pés!» diz ele ao amigo que lhe suplica para fugir.

Mas o mais emocionante é incontestavelmente o final, quando a guilhotina vai consumir a sua obra; até ao último momento Danton, mostra-se trocista: «Sanson—diz ele voltado para o carrasco—hás-de mostrar a minha cabeça ao povo, vale bem a pena...»

Depois, os preparativos, o rufar dos tambores e tudo acaba...

Deve ver-se este filme para se sentir a emoção que dele se desprende. No final, a assistência sente-se angustiada e só quando a palavra «fim» surge na tela, cada um toma o seu folgo, corta-lo por momentos de consternação.

No entanto, é ainda em silêncio que se vai saindo da sala, ainda chocado. Ao receber cá fóra o ar fresco de outono, essa impressão de pezar vai-se dissipando e retomamos a alegria legítima da vida de Paris em 1932. Mil setecentos e oitenta e nove não é mais do que um longuíquo pesadêlo.

Conheço a coragem da simpática e talentosa escritora Titayna. A audaciosa exploradora, muito viajada e sincera amiga do cinema, dizia ao fechar uma conferência acerca da Revolução espanhola de que ela foi testemunha: «Não se deveria ter medo duma Revolução!»

Na minha modesta opinião, basta ter visto Danton, viver alguns minutos as horas lúgubres e terríveis de 1789, para não partilhar a opinião de Madame Titayna.

Paris, 4 Novembro, 1932.

GEO POIRIER.

«Vampiro»

Carl Dreyer é o autor duma obra original e corajosa.

Desdenhando os acessórios, os artificios, os truques, dum género falso em si, inscre-

veu sobre a película o auto da nossa heroína servindo-se unicamente de figuras.

Nada de reconstituições sumptuosas e ruinosas.

Nada de vedetas cujas lágrimas diluíssem o «rimel», nada de palavras históricas.

Tudo isso não passa de ninharias!

As decorações deste filme reduzem-se às paredes dum quarto de clínico.

Da primeira à última imagem, grandes planos, cujo poder emotivo nada pode defenir.

Este estilo de Dreyer é empregado sob o signo do preconceito.

Nunca o meio termo da concessão. Este dinamarquês desconhece o remorso, a temeridade, o espírito crítico. Tem horror à banalidade. Troça do auditorio. Trabalha para si. Realmente, quando se conhece a mentalidade dos produtores, ele toma vulto dum cineasta prodígio.

* * *

Não se deve ver *Vampiro* se se quiser aí encontrar o equivalente dum filme de terror tipo *Frankenstein*, porque uma decepção seguir-se-ha irremediavelmente.

Nele é muito diferente, e isto explica a atitude de certos espectadores que o encontraram demasiado longo, demasiado ilógico, sem nexos. Demais como não se compreende que *Vampiro* seja um poema com o mesmo título de *Les études sur Paris*? que ele não seja senão um filme de «grand-guignol», como a *Paixão* não era senão um filme histórico? que aí como agora Dreyer fez criação de poeta?

Não se sente neste filme a intenção de fazer arripiar somente para arripiar.

Ele não se movimenta de golpes de maça sabiamente combinados, mas sim de variações cuja riqueza plástica é incomparável.

* * *

Um rapaz—David Gray—pede abrigo, uma tarde num albergue. Extraordinária casa na verdade! Respira-se aí um ar agonizador, (a atmosfera está gerada desde as primeiras imagens). Conduzem David Gray a um quarto. Acende uma vela e contempla os cantos. Numa parede uma estampa macábra. Os nossos sentidos começam a ser impressionados rapidamente, por este ambiente de sonho e pesadêlo. A porta abre-se. Um velhote aparece e entrega um embrulho a David Gray: «para ser aberto depois da minha morte».

Sem conciliar o sono, David Gray percorre a casa, cirandeija pelas escadas, desce às caves. Ouve-se uma estranha musica. Pelas paredes dançam sombras doidas. Esta parte é a melhor da obra. Ela é essencialmente poética e na verdade, faz-nos tomar parte na ansiedade e na curiosidade do herói.

A atmosfera acentua-se mas sem se fixar. É duma subtilidade maravilhosa, este continuado de imagens que se completam com tanta oportunidade. Que dedilhado! Que maravilhoso e alucinante sentido!

* * *

Em seguida, a anedocta liga-se e dirige-se nitidamente para um género.

A meio do filme, o interesse abranda um pouco. Os personagens transportam um livro sobre vampiros (é o embrulho dado a David Gray no quarto) e longos sub-títulos enfraquessem a nossa atenção, a qual retoma depressa os seus direitos, porque a terceira parte da obra é igual em qualidade á primeira.

Encontra-se aqui uma cena que poucas vezes Dreyer a igualará em originalidade e perfeição: o enterro de David Gray.

A camera substitui aqui a visão da morte. Ideia prodigiosa cuja realização dignifica. Árvores, casas, torrezinhas do castelo, nuvens que se balanciam como ritmo do feretro ao som dos sinos...

* * *

Eu tenho tentado defenir mais alto o estilo de Dreyer, requintado, subtil, mas nunca afectado guardando pelo contrário, alguma



A perturbante Marlene Dietrich em *Vénus Loura*

coisa de brutal e violento. Os outros elementos do filme são dignos d'ele: fotografia, musica, diálogos, interpretação, não dão lugar a crítica de espécie alguma.

Finalmente—e é este talvez o maior mérito de *Vampiro*—este filme contém um quasi nada de (1) um castelo velho, um moinho, uma fábrica abandonada, um lago as margens do Sena; são o caixilho escolhido por Dreyer.

Enquanto outros realizadores tenham julgado indispensável fazer executar pseudo-decorações futuristas, Dreyer, para este filme de sôno, encontrou os seus nos lugares onde os parisienses vão passar os seus *week-end*.

DANIEL MAYBON.

(Paris)

(1) estudio.

«A Vênus Loura»

Poucos filmes têm causado tanta celeuma e tanto têm dado que falar á imprensa e á gente cinéfila desta terra, como *Blonde Venus*, a nova produção de Marlene, que ha algumas semanas se exhibe simultâneamente no Cine-Paramount de Nova York e no de Brooklyn.

A principio foi o escandaloso rompimento de Sternberg com o director do estudio Paramount, que não queria que fossem certas cênas do filme feitas como Sternberg as escrevera, e com o seu director saía tambem Marlene. Depois, apaziguados os animos, chegaram os contententes a um acôrdo e a fita entrou em produção.

Mais tarde correu pela imprensa a noticia de que a filmagem estava sendo feita «entre portas fechadas» e que nem aos repórteres de categoria permitiam entrada no set onde a Venus se exhibia para as cameras. Essa declaração, feita sobre outras reportagens já do conhecimento do publico, despertou nova curiosidade ácerca de Marlene e do seu director benedictino, aumentando tambem a gula dos fans sobre o filme que se tramava por trás de biombo, no recesso das muralhas fortificadas da Bastilha cinematográfica. Que estaria o monge Sternberg a fazer com tanto segredo?

Pronto o filme, a sua estreia foi feita de surpresa, em Nova York, numa sessão de cinema que começou á 1 hora da manhã.

Agora, que já conhecemos a *Venus Loura*, compreendemos o motivo daquelas reservas do director Sternberg quando filmava: é que a fita começa pelo banho, num regato, de um bando de coristas de um teatro de Berlim, onde o argümento se inicia, e em tais condições, está claro, não podia o estudio receber a visita de estranhos. Por muito pouco que pilhasse a abelhucide de um visitante, era pilhar de mais!

O que o olho da camera viu e agora nos mostra em *close-ups* de alegoria pagã, vem envolto em ramagens de salgueiro, para não scandalizar a censura,—mas quem estivesse á margem do regato, vendo aquilo a a olho nu, havia de ver muito mais do que o que o filme regista.

Nova York, Outubro, 1932.

ARTUR COELHO.

Monsieur de Pourceaugnac

Fui á apresentação de *Monsieur de Pourceaugnac* com certo receio, aliaz justificado, apesar da boa vontade dos seus realizadores e intérpretes que deram mostras de gosto e de talento, embora sem resul. ado. Concorde-mos que não é adaptando todo o reportório cénico ao cinema que se pode crear obras de arte. Cada coisa no seu lugar. Molière é sómente como Racine e Shakespeare um homem de teatro. O seu texto não se adapta nada ao movimento cinematográfico. Por outro lado *Monsieur de Pourceaugnac* é uma farsa forte, bastante engraçada na sua época, mas que já não nos diverte, nem se acentua nas



«Raparigas de Uniforme» — o filme mais discutido dos ultimos tempos (Programa H. da Costa)

obras do grande Coqu lin. Alem disso é prejudicada ainda pela busca duma certa beleza de imagens, louváveis talvez, pela parte do realizador, mas que não quadram com a história e o texto.

Salientam-se a musica, os cantos e as dansas na Opera, mas isto é de efeito teatral.

Há a graça de Josseline Gaël e de Colette Darfeuil, á interpretação clássica de Coquelin e de Jean d'Id, a simpatia de Jacques Catelain. Há sobretudo a verve trepidante de

Pasquali e o sentido cómico de Armand Bernard. Mas todos estes actores bastante finos não saiem do raio burlêso da história. Não nos rimos e o filme não tem razão de existir. Que alegria se vissemos uns Laurel—Hardy adaptarem esta composição clássica! Molière no cinema... Não. Preferia-mos um Molière de cinema. Então sim!

MAURICE HILERO.

OS FILMES QUE NÓS VIMOS

PELOS CINEMAS LISBOETAS

Tiveli—Uma Hora Contigo

Todas as operetas cinematográficas de Lubitsch, desde a *Parada do Amor* até a *Uma Hora Contigo*, agora apresentada, enfermam dos mesmos defeitos e encerram as mesmas virtudes.

Uma Hora Contigo—e o que vou dizer d'este fonofilmé pode aplicar-se a qualquer outro do mesmo autor—valé principalmente pelo comentário subtilmente irónico, pelo detalhe, pela intenção de certas cênas cheias de reticencias. Peca todavia por falta de ritmo cinematográfico.

Acabamos de ver uma série *cinematográfica* de cenas, num andamento certo, com cadência, em que a camera se move em *travellings* oportunos—para vêrmos e ouvirmos durante alguns minutos Maurice Chevalier dizer-nos uma cançoneta em plano americano.

Ora isto prejudica grandemente a unidade do filme.

René Clair diz que «uma canção deve apresentar duma forma natural a sua necessidade no decorrer normal dum filme».

E' isto exactamente que Lubitsch não sabe ou não quer fazer.

Sim, Chevalier tem muita piada; Chevalier garante um successo de bilheteira; Chevalier encanta todas essas cinefilazinhas burguesas que por aí lá—mas isto não é razão suficiente para que, sem mais nem para quê, nos impinjam uma cançoneta da forma menos cinematográfica possível.

Este filme apresenta tambem uma movação: as conversas de Maurice com o público. Isto em cinema é simplesmente horrível. Vejamos: haveria porventura necessidade

de pôr um intérprete a falar dirigindo-se a nós, público?

Evidentemente que não.

O que ele nos diz—coisas aliás sem importancia alguma—podia muito bem diz-lo voltado para qualquer outro personagem, ou para ele proprio, e nós ficavamos na mesma a saber.

Uma Hora Contigo, no entanto, é o tipo do filme para o grande público.

Maurice Chevalier, embora seja, como *Nuestro Cinema* lhe chama, *el signo del embrutecimiento del peluquero*, continua a fazer-nos rir e a chamar multidões ao cinema onde se exhiba um filme d'ele

Jeannette Mac Donald, que fala um francês avariadissimo—todavia de acôrdo com a personagem que interpreta—é a mesma de sempre: uma linda mulher, pouco expressiva e com uma excelente voz.

Lily Damita, num papel que se harmoniza perfectamente com o seu físico, bem.

Esplêndida fotografia e tomada de sons impecável.

Ginásio e Royal—Uma Tragédia Americana.

Uma tragédia americana?

Não! Uma tragédia humana, tanto do Velho como do Novo Continente. bem dos nossos dias; uma consequência da organização da nossa sociedade que vive subjugada pelo preconceito estúpido e burguês.

A historia do rapaz que depois de seduzir uma pobre operária e depois se apaixonar por uma rapariga rica resolve matar a primeira, que para ele não é mais do que um estôrvo, pode não ter nada de original, pode nada ter de inédito para a nossa curiosidade,

(Conclui na ultima página).

Quantos dos cinéfilos «enragés» e furiosos que inundam o orbe, não devem ter desejado já tornarem-se maridos duma das mais notáveis «estrelas» da Cinelândia, pensando na vida deliciosa que seria a de vêrem-se constantemente ao lado de uma mulher famosa e notável sentindo-se invejados por tantos ao olharem-nos como possuidores dessa notabilidade do cinema. E isso parece realmente admirável às vistas superficiais ou distanciadas da intimidade desses lares, em que o homem torna um caracter secundário quando não de nula importância.

A decepção começa pela extinção do próprio nome. Aquêl que tem a sorte de casar com uma mulher já de renome, ou que conquistou a fama depois, deixa de ser conhecido pelo seu nome de baptismo, para se tornar simplesmente Mister Marlène Dietrich, Mister Greta Garbo, ou cousa semelhante. Ao contrário do costume passa a usar o nome da esposa, mesmo contra a sua vontade, porque é o publico que assim o crisma. Mas isto embora já deprimente para o homem, não é tudo e seria talvez para muitos levemente vexatório e aguentável, se não fôra outras contrariedades que o espirito do homem brioso e independente não poderia nunca aguentar sem mágua e repulsa mesmo.

Vocês lembram-se de Mr. Dolores del Rio, falecido há alguns anos. Ao que consta e nisso falou-se largamente na ocasião do seu falecimento, foram os grandes desgostos com a extraordinária victória cinematográfica da esposa, a causa da sua morte.

Primeiro, viu varrerem-lhe o nome de nascimento para o passarem a apellidar de Mr. Del Rio; depois, as exigências da profissão da mulher a arrancarem-lha a todos os momentos. Cheio de escrúpulos lutou para ser alguém e porque amava imenso a mulher a quem ligára o seu destino, mas nunca conseguiu relevar-se a um nível não capaz, de ofuscar a celebridade da mulher, mas ao menos relativo. O desgosto acabou com êle. Ciúmes? Não. O amor próprio da superioridade máscula ferido e depois... algumas atitudes de Dolores, certamente muito honestas e indispensáveis à sua popularidade mas que a êle não caíam bem.

E este caso não é nem foi o único. Há muitos identicos que a luz da publicidade não transparece, por ignorancia, por comodismo ou por interesse.

A historia que uma revista americana publicou recentemente sobre as confissões do marido duma «estrela», em Hollywood, é curiosa e merece ser dada a conhecer pelo que tem de vibrante e amargo nos annos dos «ménages» neste caso citado. E' a exposição clara do desgosto dum homem que teve a desdita (êlé próprio assim considerou) de casar com

O ROMANCE DO MARIDO DUMA «ESTRELA» DE HOLLYWOOD

uma vulgar figurante de studio que conquistou fama depois. Os nomes, dêle ou dêla, não interessam, nem tampouco êles desejam dá-los a conhecer. O marido agarrou um dia na caneta, olhou para a sua situação pouco agradável de esposo duma vedeta e desatou a escrever o que lhe ditava a consciência; lançou um brado de aversão por essa existencia fictícia em que as atitudes dos cônjuges se inverteram. E assim com grande pezar para o que deveria ser mais forte. Ele era realizador, sem fama expoente ao máximo, mas de algum merecimento. A mulher dia para dia tornava-se mais querida das multidões e assim chegou a «estrela». Cada um por seu lado trabalhava sem descanso. E a vida particular começou a ser desorientada. Um dia, chegava a mulher a casa depois da meia noite cansada do trabalho; outro dia, vinha êle aborrecido com as contrariedades e violencia da sua actividade.

Os nervos dia para dia mais se irritavam e a vida tornou-se-lhes insuportavel. Mais complicada ainda ficou quando nasceu um filhinho.

Algum tempo depois, o pequeno adoeceu bastante e o carinho dos pais, escravos dos studios, fazia-lhe falta. Não havia outra solução: o homem resolveu abandonar o officio de director e ficou em casa onde sempre é precisa uma boa organização que só poderia ser feita pelos interessados. E se assim procedeu, foi porque a mulher ganhava muito mais como «estrela» do que êle, como director. Além disso, encarregava-se dalguns negocios a que a vida da mulher não permitia que ela prestasse a atenção devida. O acordo foi feito entre ambos. Ela concordára plenamente com a ideia do marido. Mas o mal foi a atitude dos estranhos que começaram a chamar-lhe não só pelo apellido artistico da mulher, mas ainda e o que é peor, a considerá-lo um parasita.—apesar da vida particular lhe exigir bom trabalho...

Ele conhecia tudo relativo à arte de cinema e seria natural, quando se achasse em qualquer reunião ao lado da mulher, que lhe falassem e pedissem opiniões. Mas não. Ela era o único alvo. Para êle olhavam com

certo desprezo e não lhe ligavam importância. Isto doía-lhe sobremaneira. E o cúmulo: em certo jantar, para festejar um successo da esposa, o seu logar foi numa mesa à parte, ao lado dos empregados da empresa.

Um director que dirigia sua mulher pela primeira vez num novo filme, começou a dar-lhe a melhor das atenções e ambos falavam de coisas relativas ao cinema. Ele sentia-se mais reconfortado ao ver-se enfim considerado por um homem notável—que o era esse realizador—e passaram a dar-se quasi como bons amigos.

Um dia, o director amigo pede-lhe auctorisação para levar-lhe a mulher no seu yate num passeio fim de semana, sob pretexto de estudo do assunto do proximo filme em que iria dirigi-la uma vez mais. Acompanhavam-nos um casal de respeito. O pobre marido nada recusou. Deram-se porém acontecimentos que levaram este a suspeitar da fidelidade da esposa. O ciúme mordeu-o. E em boa hora, porque quando procurava certificar-se pessoalmente dessa dúvida, o «grande amigo» director, no barco apenas com a «estrela», pretendia convencê-la da sua paixão nascida durante os momentos em que a dirigira.

Era de mais. E o marido ludibriado, atirou-se ao falso amigo numa cena retintamente «à lá americana».

Convencido depois de que a mulher não chegára a atraçô-lo, nem procedera de acordo com as ideias mal intencionadas do seu director, o casal fez as pazes, resolvendo um novo rumo nessa vida tão destrembelhada pelas exigências da fama e da actividade intensa.

Ela não abandonou o cinema. Passou a trabalhar apenas em dois ou três filmes em cada ano, para ter tempo de cuidar da sua vida particular.

Ele procura voltar à actividade nos studios, ocupando o seu cargo de antes.

Aí tendes uma história que nos afiançam ser verídica. Estes dois seres jámais se divorciaram (atitude que tantos outros tomam nestes casos) pelo muito amor dedicado ao pequenino ente que a sua união gerou. E hoje, têm já um segundo filho. Cada um procura retomar o seu verdadeiro papel.

Quando a fama de ambos não é suficiente para se distinguirem (como por exemplo Douglas Fairbanks-Mary Pickford, Joan Crawford-Douglas Junior), um tem de ser geralmente sacrificado, o que é peor quando se trata do homem.

O marido de Marlène Dietrich está na America. Que se tornará lá êle? Mister Marlène Dietrich, ou continuará e ser Mister Sieber?

Jornal H. da Costa

Um romance célebre no cinema

OS IRMÃOS KARAMAZOFF

O cinema não se dá bem com a literatura...

Tal afirmação, frequente na ponta da pena—forte pena!...—dos plumitivos do cinema, é tão gratuita e temerária como tantas outras que fazem inconsciente e perniciosa escola.

Na verdade, não é qualquer realizador que pode extrair dum livro, por mais «cinematográfico» que seja o seu entrecho um filme equilibrado a sem «literatura». A dificuldade reside nessa transposição, na tradução das «frases» em imagens. Nada mais.

Os russos e os alemães ganharam justa fama nesse género de trabalho. E eis que num filme, russos e alemães se reuniram para fazer, dum obra-prima da literatura, uma obra-prima do cinema.

Referimo-nos ao filme «Os Irmãos Karamazoff» que o São João apresenta segunda-feira, pela primeira vez em Portugal

«Os Irmãos Karamazoff» é, como ninguém ignora, o nome dum dos mais célebres romances do grande escritor russo Dostoiewsky. Jóia da literatura europeia, poucos livros se prestam mais a uma adaptação cinematográfica. Fedor Ozep, o conhecido realizador russo, artista de rara sensibilidade e grande competência técnica, conseguiu não traír as intenções e a violência de estilo do grande escritor eslavo.

«Os Irmãos Karamazoff», produção da «Terra-film», está à altura da obra que lhe deu origem. Dificilmente se concebe mais conscienciosa e elevada adaptação. O filme interessa de princípio ao fim. O ambiente, verdadeiramente russo, é dado com fidelidade incedível. A fotografia, a classificar entre as mais belas *réussites* dos operadores alemães, não teme qualquer confronto e não se presta a qualquer crítica.

E a interpretação? Três grandes nomes a valorizam: Anna Sten, a linda actriz russa, criadora de tantos inesquecíveis personagens, Fritz Kortner, o genial actor alemão, intérprete incomparável no seu género,

e Fritz Rasp, que é, sem dúvida, o melhor dos «villains» europeus.

«Os Irmãos Karamazoff» constitui assim um magnífico espectáculo de cinema digno de satisfazer os mais exigentes. Os verdadeiros cinéfilos saberão apreciar o seu enorme valor. O grande público interessar-se-á decerto pelo poderoso drama que se desenrola, e em que, sobre a figura inolvidável de Dimitri Karamazoff, pesa a suspeita do mais repugnante dos crimes: o assassinato de seu próprio pai.

Caras Conhecidas



Durante um intervalo da filmagem de «I. F. I não responde», a grande produção Ufa que ainda veremos nesta época, Conrad Veidt e Peter Lorre, intérpretes da versão alemã, jogam o ping-pong

CARTAZ

Filmes da Agencia H. da Costa em exhibição

No Porto:

Os Irmãos Karamazoff, no

SÃO JOÃO

Um Sonho Dourado, no

TRINDADE

Em Lisboa:

Raparigas de Uniforme, no

SÃO LUIZ

Mandrágora, no

CENTRAL

Vamos finalmente ver

ESTUPEFACIENTES

Dentro de poucos dias, a Agência H. da Costa apresentará em Portugal mais uma grande produção da Ufa: «Estupefacientes».

Pode dizer-se que, da produção 1932-33. «Estupefacientes» é um dos filmes que o público português mais ansiosamente espéra. E isso justifica-se pelo facto, raríssimo, de figurarem na sua acção muitas cenas passadas na capital do nosso país.

A *troupe* de Bruno Duda e m o realizador Kurt Geron e o operador Carl Hoffmann, deslocou-se, como é sabido, até Lisboa, onde veio filmar cenas importantíssimas, no Rossio, no cais do Sodré e no Terreiro do Paço, em Alfama, em Cacilhas, em Cascais e nos Estoris. Jean Murat, que é, com Danièle Parola, um dos protagonistas da versão francesa, Peter Lorre, Monique Rolland, Raoul Aslan, Lucien Callaman, Hans Albers, Trude von Mollo, ficaram encantados com o nosso país, onde paasaram alguns dias de trabalho constante.

Disse-se nessa altura — há sempre boateiros que gostam de espalhar estas notícias, para parecer muito bem informados...—que «Estupefacientes», cuja acção gira em redor do tráfico da cocaína e outras drogas, era desagradável para os nossos sentimentos nacionalistas. Ora a verdade é que a policia portuguesa desempenha no filme um papel importante, pois é ela que descobre e prende a temível quadrilha de contrabandistas.

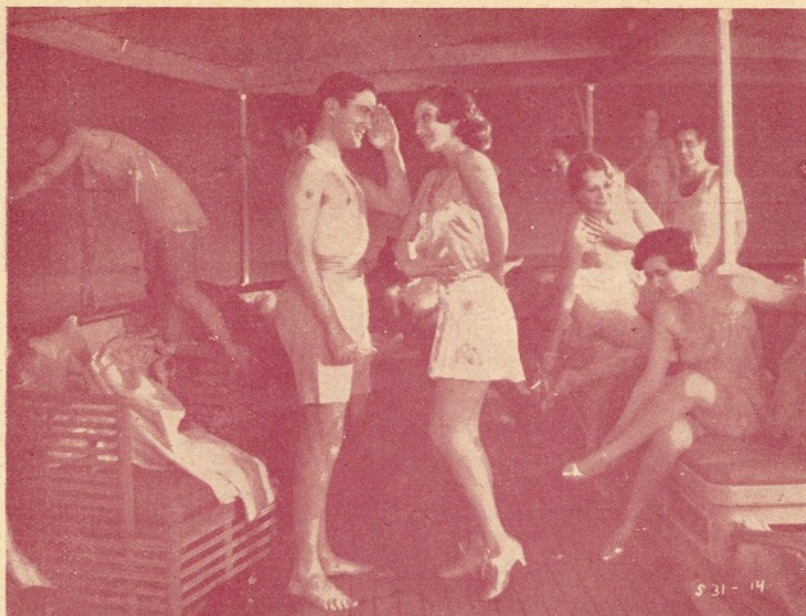
Nascimento Fernandes, uma das glórias da cena portuguesa, desempenha um dos papeis.

E' com júbilo que registamos nas nossas colunas o facto de ter sido feita justiça ao magnífico filme de Leontine Sagan. «Raparigas de Uniforme», que alcançou no São Luís um êxito marcante.

«Raparigas de Uniforme» é, na verdade, uma das obras mais significativas a assinalar na história do cinema, e seria para lamentar que, depois do êxito alcançado em todo o mundo, sofresse em Portugal um acolhimento insuficiente.

JOAN CRAWFORD EM VIRTUDES MODERNAS

2.ª FEIRA NO AGUIA D'OURO



Joan Crawford, denominada a «Vénus de Hollywood», tem neste filme uma das suas mais belas criações. A sua actuação define-se inteligentemente, impondo-se-nos como um verdadeiro reflexo da sua requintada intuição artística. Joan marca a sua personalidade vigorosamente, do princípio ao fim desta magnífica realização. Todos os sentimentos íntimos, os mais variados, que a rúbrica do papel lhe impõe, são exteriorizados com uma maestria admirável.

Filme luxuosamente apresentado não só quanto a «décors» como a indumentária, principalmente a que exhibe Joan, na parte da mulher da alta roda, para quem a vida se resume sómente no luxo e no prazer.

«Virtudes Modernas», é um filme de emoção e movimento, realizado por Harry Beaumont para a M. G. M. que o cinema Aguiá d'Ouro estreia na próxima semana.

Eis, em resumo, o seu argumento:

Bonnie e seu irmão Rodney são dois verdadeiros specimens do alto meio em que vivem. Seu pai, sonhador duma magnífica fortuna, educou-os como se a sua forte situação material fôsse inatacável. A fatalidade, porém, um dia, apodera-se do lar feliz. Uma derrocada financeira, operada na Bolsa, lança-os na miséria. O pobre velho sucumbe, não resistindo ao golpe, legando ao mundo dois filhos, impotentes para se ampararem a si próprios, sem um centavo, indecisos sobre o caminho a seguir.

Passados os primeiros momentos de pânico, a resignação apodera-se dos dois jovens, seguindo-se-lhes o

bom senso. Bonnie consegue ser admitida, como repórter, num importante jornal, Rodney um obsecado pela bebida, consequência do passado alegre e despreocupado, é admitido numa sociedade manejando o negócio clandestino de bebidas alcoólicas. De há muito que uma renhida batalha comercial se travara entre o grupo de «gangsters» que acolhera Rodney e um outro, concorrente no mesmo negócio, degenerando, por fim, num conflito sangrento entre os dois bandos. O acontecimento apaixonado toda a cidade de Chicago.

A imprensa trabalha afincadamente na grande reportagem que o caso requer. Um repórter, colega de Bonnie, é assassinado apoz ter reconstituído todos os detalhes da tragédia. O director do periódico designa Bonnie para uma missão delicadíssima. Graças aos encantos físicos da gentil rapariga, é encarregada duma reportagem sensacional sobre o assunto. Bonnie faz-se passar por exímia bailarina, e, como tal, é contratada para actuar no «cabaret» propriedade de Jake Luva, o chefe do bando que se suspeita ter sido o atacante. Desempenhando admiravelmente o seu papel, Bonnie insinua-se junto do terrível «gangster». Ali, vai encontrar seu irmão, ao mesmo tempo que descobre ter sido êle que tirara a vida ao repórter seu colega.

Jake Luva descobre a verdadeira identidade de Bonnie, no momento em que ela tenta salvar Rodney. Descobertos, Rodney abate o chefe, mas infelizmente, fere-se mortalmente,

duelo que dá lugar a cenas fortemente emotivas.

A audaciosa jornalista envia ao seu jornal um extenso relato, tendo o cuidado de nêle apresentar o irmão á opinião pública sob uma forma simpática, crónica que dá brado, rejubilando a nossa heroína com o seu primeiro e forte sucesso, conquistando na vida prática, estimulada pela necessidade de se bastar a si própria, o que para ela encerra maiores encantos do que a existência faustosa dos tempos idos.

Bonnie termina por unir o seu futuro ao do seu apaixonado Bobby, antigo conhecimento e que nunca a esquecerá, e a quem ela, nos tempos áureos, recusara mais duma vez o seu amor.»

O aniversário da morte de Lya de Putti

Fez em 27 de Novembro um ano que morreu em Hollywood a béla e conhecida artista Lya de Putti, após uma operação na garganta, em consequência duma pneumonia complicada com uma septicemia.

INVICTA-CINE

Solicita correspondentes
em todas as localidades
onde ainda não se encon-
tre representada

EDITOR
João Soutinho de Oliveira
ADMINISTRADOR
Joaquim A. Teixeira
COLABORADOR ARTÍSTICO
Fernando Lacerda

REDACTORES
J. Alves da Cunha
Fernando Barros
Emilio Loubet
Novais Castro
C. Vasconcelos

Os filmes que nós vimos

(Conclusão)

mas é bem o espelho dos nossos hábitos viciosos e da educação defeituosa que é ministrada à juventude, à geração de que eu faço parte.

A primeira metade do filme é um pouco fracionária, os episódios apresentam-se soltos, sem continuidade—talvez propositadamente—focando três ou quatro aspectos da vida dum jovem, três ou quatro aspectos que são mais do que suficientes para nos dar a ideia da trajectória da vida desse jovem.

Eu não levo a bem todavia, que um homem com o talento e as responsabilidades de Sternberg se sirva de letreiros para nos dizer que a acção decorre no verão ou no inverno, ou que a cena se passa na noite dum domingo em casa da família tal.

(Estou agora a lembrar-me da forma magistral como Mamoulian nos indicava simbolicamente a mudança de estações em *Ruas da Cidade*.)

A segunda parte da película ganha em valor cinematográfico, acusando frequentes vezes o estilo pujante do grande realizador austriaco.

Cenas como aquela do lago em que o barco se volta e a rapariga morre afogada são das que nunca mais se esquecem.

Uma Tragédia Americana têm a valorizada a interpretação de Sylvia Sidney, uma das maiores atrizes de cinema.

A cena em que ela assiste de longe á leitura do bilhete que escrevera ao amante, apresentando os olhos cheios de lágrimas e uma expressão de profunda tristeza que se vai transformando lentamente na maior alegria, é magistral. é duma intensidade dramática que raros conseguirão atingir.

Phillips Holmes, que tem a preocupação da sobriedade—preocupação louvável, aliás—é por vezes pouco expressivo.

Actor de quem há muito a esperar, não tem ainda, no entanto, categoria para emparceirar com Sylvia Sidney.

Irving Pinhel, no papel de Promotor de Justiça, convence, especialmente na acusação do tribunal.

Frances Dee bem, num papel sem responsabilidades.

Fotografia e tomada de sons ótimas, como em quasi todos os filmes Paramount.

Lisboa, Nov. 1932.

FERNANDO BARROS,

PELOS CINEMAS DO PORTO

Rivol—A Aventureira de Tunis.

Trata-se dum filme apreciável sob um certo ponto de vista. Positivamente que não é uma produção de técnica arrojada ou capaz de interessar por uma ideologia vulgar. Todavia, vê-se com prazer porque constitue uma viagem agradável através dalguns países, mostrando nos aspectos de Marselha, Cannes, Génova, Tunis, etc.

E isso é o bastante para cair bem em qualquer que não possua a monomania das «acrobacias» cinegráficas dalguns realizadores, ou o «snóbico parti-pris» dos temas sómente com ideias elevadas.

Ellen Richter, velha conhecida dos tempos do mudo, reaparece-nos aqui no seu habitual género, num filme movimentado e cosmopolita, secundada por Philipp Manning e Theo Shall.

Assim, passeando por vários logares, encadeiam uma história de aventuras que não será excepcional, mas que satisfaz, amenizada umas vezes com as vistas deliciosas, pictorescas e características, outras com a graça dalgumas situações divertidas.

Foi desta maneira que o Dr. Willi Wolff realizou este filme com o cuidado suficiente para apresentar obra limpa

J. A. DA C.

Águia d'Ouro—Anny no Circo
(Ver crítica no nosso n.º 182)

Trindad—Um Sonho Dourado
(Ver nossa crítica no n.º 183).

Olimpia—O Filho Pródigo

Lawrence Tibbett é um cantor excelente! E, porque o é e, sobretudo o muito principalmente, porque goza de uma grande popularidade, mórmente na América, vá de pô-lo a interpretar filmes, uns após outros, numa

série consecutiva de produções. Nenhum talento lhe pode ser reconhecido como artista de cinema, nem tampouco lhe proporcionaram ainda uma oportunidade de actuar sob a direcção de um encenador de recursos, capaz de obter d'ele o rendimento anímico necessário, Mas isso não importa! O que interessa aos seus productores é que ele cante e faça muitos filmes. Fazem d'ele o mesmo que estão a fazer de Weissmuller, o mesmo que amanhã farão de Tilden ou de Tolan ou de qualquer outro que possa *fazer dinheiro*.

Harry Pollard dirigiu sem qualquer lampejo e Esther Ralston coadjuvou, muito longe daquela habilidade que lhe conhecemos

É difícil encontrar condições de agrado neste género de filmes. Entretanto, as mezinhas românticas sonharão com o Lawrence e reverão o filme, para decorar aquela linda cançõesinha «Without a song...»

N. C.

Olimpia—O Grande Campeonato.

Mais um filme que já deveria ter sido apresentado há dois anos.

Rey del Ruthi, que parece ter uma predilecção especial pelos filmes coloridos, deunos mais um trabalho dos seus, que, para não fugir á regra, é excessivamente monótono e, portanto, desequilibrado.

Então o processo technicolor que, de série de feitos, já passou a ser um chorrilho de defeitos, é dos tais que nos apresentam peitos de camisa azulados e caras de velhos que mais parecem réclamos a farinhas lácteas.

O argumento gira á volta de um *match* de *box*, e não é mais que um pretexto para nos serem apresentadas umas boas dúzias de cenas profusamente faladas e cantadas.

Winnie Lightner, com as costumadas garrotices e Joe E. Brown demonstrou não ir mais além do já visto.

Reprodução sonora tam boa ou tam má que, por vezes, me parecia os artistas estarem com a garganta fortemente afectada.

C. V.

Lêde e propagai

"Invicta-Cine,"

BONUS

Oferecido aos leitores da INVICTA pelas Ex.^{mas} Empresas dos Cinemas:

AGUIA D'OURO
OLYMPIA
ODEON

50 % de desconto em todos os lugares na matinée de 10 de Dezembro de 1932.

50 % de desconto em todos os lugares nas matinées dos dias 8 ou 10 de Dezembro de 1932.

50 % de desconto nos lugares de Fauteuilles e Balcão no dia 10 de Dezembro.

As crianças que por ventura forem acompanhadas do portador deste BONUS, não têm direito a entrada gratuita.

C A S T E L O L O P E S ,

L I M I T A D A

a firma detentora
dos melhores fil-
mes europeus e
americanos

A P R E S E N T A

na próxima semana no cinema

OLYMPIA

a engraçada co-
média alemã

CASAMENTO DE AMOR

com:

GEORGE ALEXANDER

e **LIEN BEYERS**

Brevemente no

AGUIA D'OURO

GEORGE MILTON em

O REI DO BEIJO